

O Presente Corrente

“Ah” — disse o rato, “a cada dia o mundo está mais estreito. A princípio era tão vasto que me dava medo, eu continuava correndo e me sentia feliz com o fato de que finalmente via alguns muros à distância, à direita e à esquerda, mas agora essas longas paredes se movem tão depressa uma em direção à outra, que já estou no último cômodo e lá no canto fica a fresta para a qual eu corro”. — “Você só precisa mudar de direção” — disse o gato, e o comeu.

Franz Kafka. *Pequena Fábula*.

O presente corre em nossa direção, nos cerca por todos os lados, e, à semelhança de um caudaloso rio, revolve nossa existência pessoal e coletiva. Que direções tomar diante desse presente inexorável que nos interpela com tanta insistência? Que indagações o presente nos estimula a fazer?

A *Revista Nava* tem a alegria de dialogar sobre as novas formas de presente, que aos poucos vão se esboçando diante de nós.

Apresentamos este *Presente Corrente* em forma de ensaios visuais, artigos, ensaios e uma experimentação sonora, que foram articulados em dois dossiês. No primeiro deles, *O Tempo Corrente: pandemia*, além de

abordarmos diretamente o isolamento social e os desafios levantados pelo Covid-19, refletimos a passagem de um tempo que corre pelas frestas de um cenário mutável, como o rato de Kafka. Aqui, o *Presente Corrente* é verbo: um presente que corre. No segundo dossiê, *A Corrente do Tempo: inflexões*, pensamos o tempo como elos de uma corrente, que talvez se esvaíam, mas não sem articular o humano, especialmente através da arte. Aqui, o *Presente Corrente* é substantivo: é presente que forma uma corrente.

O volume é aberto por ensaios. No primeiro deles, Lindomberto Ferreira Alves e Amanda Amaral constroem coletivamente um "Outro chão para se pousar o pé: ou, seis gestos provisórios para sobreviver ao tempo do 'fim'", um ensaio crítico e reflexivo sobre o presente, que inclui diversas imagens desta mesma reflexão. Seus gestos-passo criam um caminho que conduz ao retorno às suas cidades de origem, como forma de se firmar os pés em um chão ético-estético-político, para a partir daí celebrar a alteridade do presente, emitindo seus próprios lampejos e os dirigindo a outros.

O ensaio de Mirna Xavier Gonçalves, "O Olhar para Fora: Kátia Prates diante da pandemia", apresenta o trabalho da artista de Porto Alegre, Kátia Prates (1964-), como forma de reflexão ativa do presente, da pandemia e do isolamento social. Fotografias que revisitam o dia-a-dia, convidam a repensar o corriqueiro, a beleza constantemente ignorada e a correria desenfreada de um mundo que, segundo apresenta a autor, carece deste "olhar para fora".

No ensaio "Em tempos de quarentena, o que mais te aprisiona?", Carla Luã Eloí caracteriza diversas "prisões" que nos isolam. O capitalismo, o armário LGBT e o preconceito são alguns exemplos, assim como os medos, traumas, timidez e a vergonha, que frequentemente nos prendem. No entanto, de forma muito mais abrangente que qualquer delimitação temporal ou espacial causada pela pandemia e pelo isolamento social, a ideia de "prisão" é associada às nossas próprias mentes e à criação de monstros imaginários, o que conduz ao chamado que encerra o ensaio: é



urgente enxergar o outro, além de qualquer prisão individual. É necessário repensar as distâncias, limitações e ir além das bolhas de mundos fabricados. O que coloca este ensaio em diálogo direto com a ideia de um “olhar para fora”, apresentada anteriormente por Mirna Xavier Gonçalves.

Em seu ensaio, Miriam Santos apresenta “Reflexões sobre os conceitos de tempo e de crise em tempos de pandemia” através de diversas referências e imagens do fim do mundo no cinema e em outras culturas e civilizações, como os Aborígenes Australianos, Maias e Mapuches. A autora levanta a ideia de que ainda que o início da pandemia de 2020 tenha trazido alarde e medo, a duração do isolamento social passou a revelar pessoas “perdidas no tempo”, que esquecem o calendário e trocam os dias pelas noites e assim, incitam a reflexão sobre novas concepções de tempo, que incluem a ideia de suspensão, em um estado liminar entre o passado e o futuro.

Em um ensaio visual intitulado “Um Lugar em Outro Lugar”, Antônio Carlos Rodrigues Braz ressalta a justaposição de espaços que constitui nossa experiência do presente. A criação de uma instalação onde dois corredores foram postos lado a lado, com painéis e grades que conduzem ao embate entre os lados externo e interno de uma residência, traz à tona o dilema dos espaços na pandemia, que passam a incluir trabalho, descanso, lazer e até reclusão em um único ambiente.

O ensaio visual “Aquilo que se vê: do olhar sobre o retrato de memórias de quem já me foi próximo” de Matheus Guilherme Oliveira, apresenta a transformação no olhar do pintor de retratos a partir da pandemia, que permite novas conexões com o outro. Os antigos “olhos nos olhos” se cruzam agora mídia a mídia, o que significa uma transformação tanto na pintura de retratos, quanto na relação com os familiares retratados, que eram fisicamente próximos e se tornam diferentemente presentes.

Iniciando o Dossiê 2 “A Corrente do Tempo: inflexões”, o artigo “Déjà vu: capitalismo à brasileira”, apresenta de forma central a crise de memória histórica que caracteriza o presente brasileiro. Neste trabalho, Maria Ilda Trigo tece informações jornalísticas, históricas, imagens e filosofia de forma a elucidar o cenário político e social que reconhecemos como “um presente”, e que é amplamente baseado em um jogo de retornos e permanências, à forma de um constante Déjà vu. Golpismo,



ditadura, *nonsense*, negacionismo, colonialismo e pseudo-sinceridade se presentificam em uma espécie de redemoinho, em políticas de desmemória, que se expandem para muito além da crise sanitária de 2020 e urgem ser desmontadas.

Cristiane Maria Medeiros Laia, em seu artigo “Alegrias, Micropolíticas e Periferias: Sobre Cactos que Florescem e Fins de Mundo que são adiados” apresenta a possibilidade de olharmos para a realidade corrente além da exclusão que parece inerente ao cenário humano contemporâneo. Sua reflexão sobre a potencialidade e sobre a dinâmica de micropolíticas é contextualizada através de um movimento cultural na periferia da cidade de Duque de Caxias, onde se veem mecanismos de resistência e até mais, de revoluções moleculares – para nos valermos do termo apresentado pela autora, como forma de apontar para mudanças verdadeiras.

O artigo de Antonio Gonzaga Amador, “Sempre a três movimentos da impermanência”, apresenta a relação entre arte, movimento e tempo. A partir da prática de alguns movimentos de yoga, o autor criou imagens em papel, que retratam a passagem do tempo, ou, mais precisamente, nossa vivência da impermanência. Assim, representações de um ‘presente corrente’ passam a nos revelar sua passagem inexorável, matéria indubitável de seu trabalho artístico

Camila Ribeiro de Almeida Rezende nos apresenta a corrente do tempo através da escrita: como “uma escrita corrente”, “uma série continuada de coisas”, nas palavras da autora. Em seu artigo intitulado “A escrita da ciência se faz com emoção: inflexões sobre a importância da confiança e do medo para (res)existirmos no presente” o chamado a uma ciência efetivamente presente toma forma através da escrita. A construção de binômios como a confiança e o medo, a ideia de bricolagem e de suas peças, guiam o leitor através de uma proposta de presentificação da ciência através da emoção.

Eleonora Menezes Del Bianchi, em sua experimentação sonora intitulada “Diz-Ser-T-Ação: Escolhendo Companhias Através de Um Eu” apresenta o encontro entre seres humanos e deles com a expressão artística, verbal, sonora... Seu trabalho combina sons de digitação a imagens do horizonte em uma grande cidade. As palavras “escritas” pelos sons das



teclas começam então a se configurar como a própria busca por palavras: “qual é a palavra?” – pergunta a autora, como forma de questionar o que se expressa, e o que é o expressar.

“Matéria Escorregadia”, o ensaio visual de Everton Cardoso Leite, revela a fotografia como forma de registro das etapas da construção de uma casa. Sendo um símbolo da estabilidade, a casa é um ser concentrado, uma armadura que permite o paradoxo entre movimentos externos e internos. Enquanto passa o dia e escurece a natureza, luzes se acendem no interior da casa. Assim o autor traça um paralelo entre a tinta, matéria escorregadia, e a memória. Ambas se espalham, penetram, mancham e criam formas e figuras: expressões do tempo e de suas múltiplas passagens.

O ensaio visual “Quando falam as esculturas: performance e memória” de Maíra Freitas e Geovanni Lima levanta o questionamento sobre a presentificação das esculturas: “Mas como fazer falar uma escultura?” – perguntam os autores ao apresentar seu trabalho que inclui as imagens apresentadas no ensaio visual e a performance que as gerou. A escultura-corpo do artista é configurada como interface relacional. Como toda fala se articula com alguma forma de escuta, a interação com transeuntes-ouvintes se torna chave para a reflexão sobre presença e tempo. Além de sua essencial partilha.

Os artigos livres que compõem este dossiê abordam o design, a música e a literatura. O artigo “Dimensões do design de móveis de Clara Porset na Cuba pós-revolucionária” de Fernanda Quintão, apresenta o trabalho da designer de móveis cubana, delineando aspectos da produção em design industrial na América Latina, mais especificamente na Cuba socialista. Questões políticas, históricas e sociais do contexto dos anos 1960, assim como questões relacionadas ao modernismo do design no contexto cubano são centrais à sua análise, que ainda apresenta a importância de uma narrativa sobre o design industrial latino-americano constituído a partir de experiências de viagens da artista, de suas relações com intelectuais, designers e artistas de vanguarda nas décadas de 1930 e 1940. Neste sentido, a autora apresenta uma corrente do tempo que é composta de memórias, vivências e relações inter-pessoais que se mostram diretamente através da expressão artística.



Dois trabalhos sobre música erudita compõem nosso dossiê: o artigo “Batuque: da resistência à música de concerto. Um olhar sobre ‘Dança de Negros’ de Alberto Nepomuceno”, de Maristela Rocha de Almeida Magalhães; e o artigo de Fernando Vago Santana, “ATOS preparatórios na performance da Schoenberguiana, de Marcelo Rauta: aprender e ensinar uma fuga dodecafônica a quatro vozes”. Enquanto Maristela Rocha se debruça sobre uma análise detida da obra de Alberto Nepomuceno, ressaltando a passagem do tempo musical em forma de ostinatos, da repetição rítmica e de variações melódicas, como constituintes fundamentais da “Dança de Negros” que dá título à obra musical e ainda a situa na interface cultural entre africanias, religiosidade e música, Fernando Vago apresenta a centralidade da transmissão de conhecimento musical relacionado à performance, exemplificando na obra de Marcelo Rauta a criação de mecanismos que permitam o diálogo e a conseqüente corrente entre músicos que desenvolvem técnicas de interpretação e as partilham em uma performance. Ainda que seu artigo se refira especificamente à “Schoenberguiana”, a necessidade da ampla discussão sobre a transmissão de técnicas interpretativas o coloca em lugar de tematizar diretamente o desenvolvimento de performances de forma mais ampla, o que o autor sistematiza através da criação de quatro passos preliminares, os ATOS que conduzem à apresentação da obra.

A leitura que Ramsés Albertoni Barbosa nos apresenta acerca do tempo se relaciona à sua passagem e à imagem da vida humana como inexoravelmente passageira, assim como representada pela literatura. O artigo “As ruínas de um tempo: o Salão e os Impressionistas” se fundamenta na interpretação do romance francês *Forte como a morte*, de Guy de Maupassant, que constrói uma narrativa sobre o envelhecimento de suas personagens. A passagem do tempo se torna presente através da nostalgia e da tentativa de construir representações de si mesmos, que o autor relaciona ao contexto histórico e social do romance.

O Dossiê *O Presente Corrente* foi o primeiro realizado inteiramente através do sistema OJS (Open Journal System), desde a submissão dos



trabalhos até sua publicação, o que assegura a manutenção de valores importantes para a Revista, como a avaliação cega por pares e o diálogo direto e ético entre autores e pareceristas. Completamos este trabalho com a adoção da licença CC-BY, que garante o direito autoral à republicação, reutilização e modificação dos trabalhos por a cada autor que publica na *Nava*.

O *Presente Corrente* também inaugura a presença de Marcelle Lopes e Marina Casali como membras de nosso corpo editorial. Seu trabalho cuidadoso na divulgação da revista, além da revisão dos trabalhos, ampliou o diálogo da *Nava* com o público: uma das nossas metas principais. Nossa diagramação é de autoria de Hamilton Ferpa. A foto da capa deste volume é de autoria de Marina Casali.